



Graduação  Pós-Graduação  
 Artigo completo  Relato de prática  Resumo expandido

**CAMINHAR NA CIDADE TURÍSTICA: análise urbana, arquitetônica e experiências corporais na cidade histórica Ouro Preto (MG)**

**Ramon Fortunato Gomes**  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
ramon.fortunato@ufms.br

**Heliana Maria Ceballos Aguilar**  
Universidade Federal Rural Do Rio de Janeiro  
eliana.ceballos@gmail.com

**RESUMO**

O texto apresentado expõe o caminhar como ferramenta de análise urbana, lazer e investigação turística. De forma exploratória busca-se vivenciar meios distintos do turismo convencional, explorando caminhos da cidade e espaços edificados, justapondo aos sentidos corporais. O método usado foi o de flunar pelas ruas e ladeiras da cidade Ouro Preto (MG), guiado por estímulos do espaço e sensações corporais, objetivando a imersão urbana em uma rota referenciada por edificações institucionais religiosas marcadas na paisagem. Discute-se as relações entre o corpo (humano) e o corpo (cidade), tendo como tese que as imersões corporais por meio de práticas do lazer e turismo, em espaços caminháveis, podem ser potencializadas nas intenções do desenho urbano e arquitetônico. O resultado é a análise e a exposição qualitativa de espaços definidos como “zonas de permanência sensível”, onde os corpos falam e se conectam. Por fim são apontadas considerações sobre a experiência urbana vivenciada na caminhada e mencionado a importância de políticas públicas voltadas a equalizar distorções que emergem do turismo extensivo.

**Palavras-chave:** Caminhar; Análise urbana; Corpo e Turismo.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o caminhar e suas relações entre corpos (humano e cidade), justapostos compreendem uma ferramenta de percepção urbana como fenômeno social, cultural e territorial. Tem como objeto de estudo a cidade Ouro Preto (MG), reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), por seu Patrimônio Mundial Cultural. Nela destacam o patrimônio imaterial e o conjunto arquitetônico colonial, moldado pela exploração do ouro e da mão de obra escrava (IPHAN, 2025).

Em fundamentos de morfologia urbana Costa e Netto (2015, p. 209) citam Vasconcellos (1956) e Marx (1991) ao falar da consolidação dos núcleos coloniais “estruturaram nos pontos mais alto, nos locais mais visíveis de acordo com a Constituição Primeira do Arcebispado da Bahia”. Para destacar as igrejas do casario, usavam normas e recomendações de afastamento entre igrejas e casas e exigiam a constituição de espaços livres nos locais mais elevados para valorizar as igrejas e ressaltar sua silhueta na paisagem urbana (Costa e Netto, 2015).

A utilização de recursos como mapas do município e o *Google Maps*, possibilitou constituir caminhos exploráveis em rotas caminháveis, organizadas de forma a objetivar a imersão na cidade como turismo, lazer e investigação arquitetônica-urbanística. Foram explorados três percursos, com o objetivo de vivenciar relações entre cidade e corpo. O percurso 1/3 será apresentado no 7º Congresso Brasileiro em Estudos do Lazer (jun./2026), o 2/3 será apresentado e discutido neste resumo expandido, cujo tema tangencia a urbanização e o turismo (Eixo 5), e o último percurso 3/3, encontra-se em desenvolvimento.

O ato de caminhar é cognitivo, afirma Barbosa (2022), proporciona o desenvolvimento do intelecto, envolve o pensamento, a percepção e o raciocínio. Porém depende das expectativas e experiências individuais. O caminhar na cidade estimula a compreensão do ambiente e do corpo, ativa sentidos de tato, paladar, olfato, visão e audição. Jacques (2005, p. 21) ao falar sobre o andar pelas ruas cita o texto de João do Rio (1881-1921, pseudônimo de Paulo Barreto): “Eu amo a rua [...] Para compreender a psicologia da rua [...] É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível [...]”.

## 2 CAMINHAR COMO MÉTODO

O caminhar torna-se método e pesquisa em terreno urbano. Com curiosidade de usuário, andante, o caminhar permite o contato com códigos e mensagens, torna-se questão corporal de

trocas e relações com a cidade. Há muito espaço de troca entre o investigador e aquilo que está sendo observado. Jacques (2005) discursa sobre a importância do caminhar e da experiência física e sensorial, ao perceber novas maneiras de estar ou errar em outras direções, análises e conclusões. Critica o esquecimento do corpo material, do pesquisador (urbanista) e da cidade em si (objeto de pesquisa), que as ferramentas eletrônicas digitais podem provocar, quando usadas de forma exclusiva. Há relevância corporal, cognitiva e afetiva ao estar in loco na pesquisa da cidade.

Assim, o caminhar pelas ruas, cores, becos, casarios e paisagem, norteado por espaços que aguçam sensações corporais e motivam caminhos e descobertas, tornou-se método de lazer, turismo e investigação. Rejeitar propostas turísticas que exploram o consumo, estar aberto a cidade e a comunidade, buscar caminhos com arquitetura e urbanismo que dialogam com a escala humana e despertam o corpo. Por fim, despertar para o espetáculo urbano, sobretudo em caminhos alternativos partindo da Praça Tiradentes em direção a algum outro lugar.

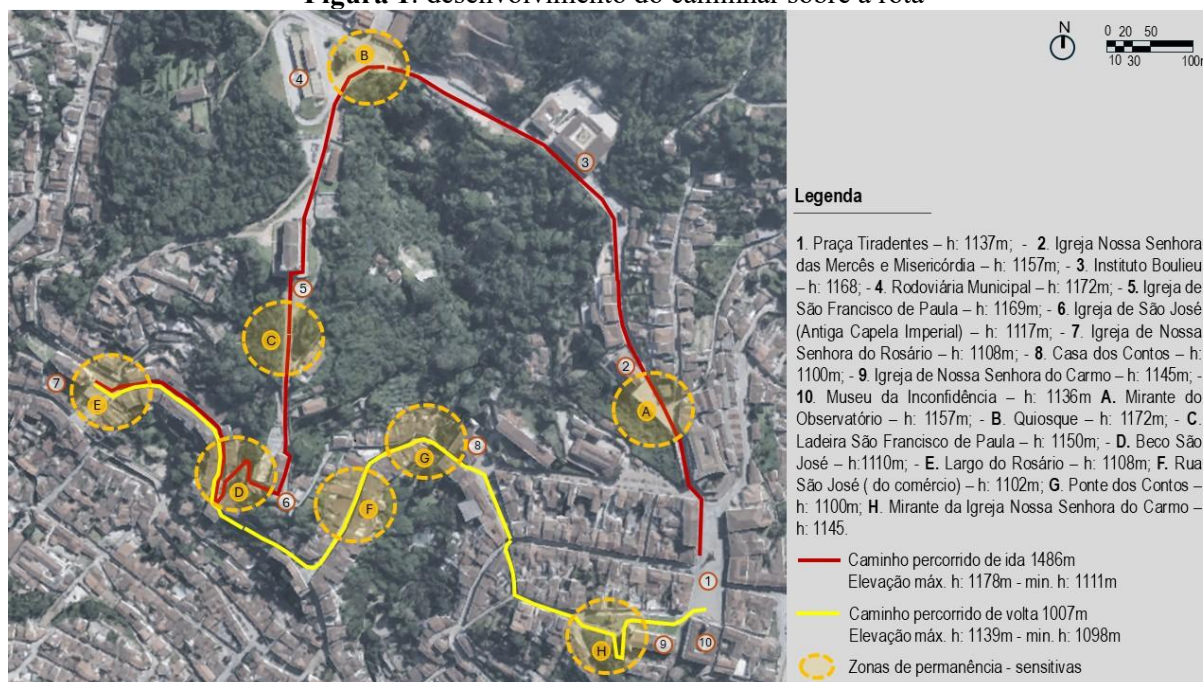
### 3 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Ao caminhar foram observadas “zonas de permanências sensitivas”, lugares onde o corpo para, respira, observa, fala e questiona o espaço. A ida é marcada pelos pontos A, B, C, D e E, e a volta por F, G e H, (fig. 1). O mirante do observatório, define a “zona A”, marcado pela vista do horizonte onde observa-se a cidade moldada na topografia. Guarda na forma livre triangular, de leve inclinação e pedras, a Igreja Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia, o observatório da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e a vista que cobre todo o espaço livre de céu. Protege o transeunte com uma mureta larga, suficiente para aconchegar o corpo ao dia e ao pôr do sol. Alfineta contrastes urbanos, em ocupações informais nos morros

A “zona B”, compreende um espaço de circulação de pessoas, um trevo onde o desenho urbano conecta a rodoviária e o trânsito pesado que chega à cidade. Um quiosque com mesas onde ouve histórias e cheira café, onde circulam pessoas indo e vindo, turistas, guias turísticos, estudantes, trabalhadores da construção civil, funcionários públicos e outros. Compreende local de espera, de proteção ao sol e a chuva, circundado de vegetação, onde inicia a trilha do Parque do Horto. Na “zona C”, uma ladeira em pedra, cercada de vegetação une dois monumentos arquitetônicos religiosos. Descer, compreende uma sensação de distanciamento e aproximação simultânea, proporcionando efeito elástico da escala humana, um constante olhar a frente, a atrás, em giros, o movimento corporal se coloca sempre a outras perspectivas da cidade.

A “zona D” é um espaço de estranhamento, sinuoso, pequeno, úmido e sem vista do entorno, faz o corpo acelerar o movimento com maior atenção. Chegar ao largo, “zona E”, é ser coroado pela energia do lugar. O local é arejado em pedras, a forma não convencional da Igreja do Rosário contrasta em luz e sombra, instiga o olhar no objeto arquitetônico. Na calçada chama a atenção uma placa “O Único Lugar Do Mundo” cafeteria Casa Café.

**Figura 1:** desenvolvimento do caminhar sobre a rota



**Fonte:** Elaborado pelo autor com referências nas bases do *Google Earth* (2026).

Na volta, a “zona F”, uma rua estreita, calçamento em pedra com casarios típicos coloniais e uso comercial, adaptada ao programa de cidade convencional. Composta por lojas, atacados, bancos, instituições, hotéis e restaurantes, instiga questões sobre forma, tipologias urbanas e a construção das cidades no tempo. A “zona G” corresponde a Ponte dos Contos, espaço de transição entre a cidade comercial e a “turistificada”. Convida a estar, pensar e observar a água e o ar que circula do Parque do Horto. Ponto baixo da rota, com vistas e sensações de ser observado pelas janelas da cidade. Seguindo até a “zona F”, ponto alto, é um espaço que convida para acomodar-se nas pedras da escada de acesso a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, circundado por casarios e vista urbana, aguça o olhar para a história daquele lugar.

#### 4 CONCLUSÕES

Tendo como tese que as imersões corporais por meio de práticas do lazer e do turismo, em espaços caminháveis, podem ser potencializadas nas intenções do desenho urbano e

arquitetônico, observar o fenômeno corporal pode ser um meio de alcançar melhor desempenho qualitativo dos espaços públicos. Ouro Preto (MG) pode ser campo para essa discussão urbana, apontando para resultados afirmativos. No entanto é necessário que essa discussão seja ampliada no planejamento urbano junto as comunidades, estendendo a áreas periféricas e em espaços sem infraestrutura, adequar estruturas que estimule o caminhar, em equipamentos espaços públicos de convívio, cultura e lazer, na escala e no tempo do pedestre (Barbosa, 2022).

Algumas distorções destoadas da “cidade patrimônio” foram notadas na mancha urbana. Contrastes, em ocupações informais e comunidades, resultado de negligências urbanas e da gentrificação que o turismo de massa promove. Destaca-se assim a importância de políticas públicas que promovam o uso equitativo da cidade, não como lugar do espetáculo turístico, mas como espaço constituído pela história e a comunidade local. Por fim, induzir o caminhar como meio de deslocamento, promove vivências e relações afetivas no pedestre. Carece ativar “zonas de permanência sensitivas”, comprometer recursos em estruturas físicas, adequadas ao caminhar, ao lazer e ao turismo, pois são elas quem determinam a vida urbana.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, V. V. O. "**Caminhabilidade, o que é?**" 03 Jul 2022. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/982710/caminhabilidade-o-que-e>>ISSN 0719-8906. Acesso em: 18 jan. 2026

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Ouro Preto (MG) celebra 45 anos como Patrimônio Mundial Cultural**. Matrimônio Mundial, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br>. Acesso em: 20 jan. 2026.

COSTA, S. de A. P.; NETTO, M. M. G. **Fundamentos de morfologia urbana**. Belo Horizonte: C/Artes, 2015.

JACQUES, P. B. Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura, UFRGS. **Revista Arqtexto** n.7, p. 16-25, 2005. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/propar/arqtexto/arqtexto-7/>>. Acesso em: 14 mar. 2026.

VASCONCELLOS, S. de. **Vila Rica: formação e desenvolvimento – residências**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956.

MARX, M. **Cidade no Brasil: terra de quem?** São Paulo: Nobel; Edusp, 1991.

SILVA, J. B. de S. B. d; TORRES Y. Q. A.; BUENO, F. A. de B.; ARAÚJO A. V. de. Praça Tiradentes, em Ouro Preto/MG: dimensões historiográficas e simbólicas em seu cotidiano. **Anais do XX ENANPUR**, ST06, Belém maio 2023. Disponível em: <<https://anpur.org.br/anais-xxenanpur/sessoes-tematicas-sts/>>. Acesso em: 23 mar. 2026.